

RESENHA/REVISIÓN/REVIEW



“DESAFINAR DO CORO DOS CONTENTES”: O USO BIOPOLÍTICO DO DISCURSO DE FELICIDADE

“DESAFINADO DEL CORO DE LOS FELICES”: EL USO BIOPOLÍTICO DEL DISCURSO DE LA FELICIDAD

“OUT OF TUNE WITH THE HAPPY PEOPLE CHOIR”: THE BIOPOLITICAL USE OF THE DISCOURSE OF HAPPINESS

CABANAS, E.; ILLOUZ, E. *Happycracia: fabricando cidadãos felizes*. Tradução Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2022. 288p. (Coleção Exit)

José Augusto Simões de Miranda*

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Amarildo Inácio dos Santos**

Universidade Federal da Bahia - UFBA

* Doutorando e Mestre em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários pelo Programa de Pós- Graduação em Inglês da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGI/UFSC). Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-0057-1685>. E-mail: joseaugustosimoedemiranda@gmail.com.

** Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (PPGEDU/UFBA) e Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9582-9791>. E-mail: amarildoinacio.ds@gmail.com.

Happycracia é uma obra de Edgar Cabanas e Eva Illouz. Edgar Cabanas é psicólogo, especialista em psicologia básica, psicologia social e das emoções e história da psicologia. Possui doutorado em psicologia pela Universidade Autónoma de Madrid e atualmente é professor da Universidade Camilo José Cela. Eva Illouz é socióloga e doutora em literatura e comunicação. Atualmente, leciona sociologia na Universidade Hebraica de Jerusalém e na Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais de Paris.

A referida obra versa sobre a felicidade numa perspectiva sociológica, psicológica e econômica, em que o discurso tem um papel central em toda a discussão realizada pelos autores. Diferentemente do que estamos acostumados a observar nas estantes de livrarias, em seções de autoajuda, este livro, que será discutido ao longo desta resenha, problematiza um discurso envernizado de ciência¹, que se tornou uma enorme indústria e tem o intuito de instaurar e manter uma ordem de discurso por meio da lógica da economia neoliberal global na contemporaneidade biopolítica.

Na *Introdução*, os autores apontam a presença de um ideal de felicidade em nosso imaginário cultural — que perpassa diferentes meios de comunicação, a estética, a saúde, a educação e as tecnologias (digitais). A partir desse ideal, percebemos que se produziu e se calcificou um discurso utilizado para nos fazer crer que a felicidade é uma questão de escolha e o resultado de treinamento e disciplina — que refletem o modelo de cidadão demandado pelo neoliberalismo na contemporaneidade. Atrás dessa constante busca, os autores nos apresentam a poderosa indústria em que diferentes atores sociais participam na construção e difusão desse discurso de felicidade: escritores, políticos, psicólogos, empresários, *coaches*, entre outros profissionais. Isso sinaliza a polivalência tática do discurso (FOUCAULT, 2020), isto é, discursos sobre um mesmo tema emanam de diferentes áreas e operam a construção de uma “verdade” que será a base para a produção massiva de uma subjetividade necessária à governamentalidade biopolítica na atualidade. Segundo os autores da obra resenhada, a cultura estadunidense foi o berço desse imaginário cultural que permeia, especialmente, as sociedades capitalistas avançadas.

Os autores apontam que após alguns anos de misticismos de um lado e ceticismos de outro, no que concerne à felicidade, em 1998, finalmente, a ciência da felicidade foi institucionalizada. Segundo eles, essa ciência, chamada psicologia positiva, trouxe “verdades” científicas e quaisquer tipos de ceticismos vistos em anos anteriores foram se diluindo, uma vez que uma ciência estava fundamentando todas essas novas discussões sobre a felicidade.

Partilhamos os mesmos argumentos dos autores de que as condições de possibilidade para que o discurso de felicidade, advindo da psicologia positiva, emergisse, provêm dos fluxos do neoliberalismo global contemporâneo, que demandam sujeitos positivos, pois assim não percebem como esse modelo econômico precariza suas vidas e acreditam que se programarem suas mentes para serem positivas, encontrarão o ideal de felicidade vendida (literalmente) pela configuração social em vigência. Assim, a partir do conceito de biopolítica, de Foucault (2010), argumentamos que a manutenção de corpos saudáveis, “felizes” e produtivos é condição *sine qua non* para o “bem estar” de uma nação inserida neste tempo histórico.

Os autores defendem que há tanto a produção de responsabilização de si como sentimento de culpa de sujeitos que não se encaixam e nem atingem o ideal contemporâneo de felicidade. A partir dessa nova “verdade” estabelecida emerge uma relação antagônica entre o normal e o patológico no que tange à felicidade. Sobre este ideal de felicidade, legitimado como normal, projeta-se a expectativa de que é possível garantir uma vida sem sofrimentos e adoecimentos, em que a maximização de corpos produtivos se tornou uma responsabilidade moral (CAPONI, 2014). Enquanto o patológico é sinônimo de monstruoso, o normal é constantemente demandado em nossas sociedades (CAPONI, 2001).

No primeiro capítulo da obra, intitulado *Especialistas no seu bem-estar*, os autores discutem a criação da psicologia positiva. Segundo eles, o psicólogo Martin Seligman teve uma epifania e sentiu-se diante de uma missão para criar uma perspectiva psicológica totalmente inovadora, em que as chaves para a felicidade humana eram facilmente desvendadas. Eles afirmam que, diante de seu primeiro manifesto, *Positive Psychologist*, o psicólogo e o coautor Mihaly Csikszentmihalyi apresentaram um novo “empreendimento científico” com conceitos misturados, confusos e mal arranjados, apesar de prometerem toda a verdade que esse

¹ Ao longo do texto, quando nos referirmos ao discurso de felicidade, estaremos falando da psicologia positiva. Os autores argumentam que, uma vez produzido, o discurso de felicidade foi revestido de ciência e, assim, adquiriu estatuto de verdade e passou a ser muito mais aceito e difundido, inclusive na academia.

discurso científico alega abranger. Na sequência, como discutido na obra resenhada, o discurso de felicidade começou a incitar a curiosidade e o interesse de grandes corporações e a movimentar essa enorme indústria financiada por milionários e sustentada por acadêmicos por meio da disseminação de pesquisas, que foram publicadas em periódicos científicos da área.

Concordamos com os autores que o sucesso do discurso de felicidade atinge diversos públicos, que incluem pobres, solitários, doentes e “fracassados”. Se recorrermos ao conceito de biopolítica (FOUCAULT, 2010), observaremos que há um constante esforço em “fazer viver”, em que “normalizar” e “salvar” pessoas, muitas delas advindas de grupos marginalizados, são estratégias de sociedades neoliberais que precisam extrair das pessoas a força de trabalho. Assim, percebemos que os protagonistas do discurso de felicidade são facilmente vistos como propagadores do “bem”, enquanto seu discurso está meramente associado a interesses econômicos. Vê-se que há um uso estratégico do discurso de felicidade na produção de subjetividades úteis ao empreendimento neoliberal e é isso o que os autores buscam destacar. Eles argumentam que “[...] a psicologia positiva é pouco mais que uma ideologia reciclada na forma de gráficos, tabelas e diagramas repletos de números; uma psicologia pop que pode ser vendida com facilidade, propagandeada por cientistas com seus jalecos brancos” (CABANAS; ILLOUZ, 2022, p. 50), uma psicologia que cria identidades digitais e padrões comportamentais nas esferas pública e privada, isto é, produz consumidores de mercadorias e sonhos, que são atrelados ao ideal de felicidade e essa produção cria um sentimento de positividade coletiva que taticamente camufla a desigualdade social. Aqui, argumentamos que há o uso de um saber para uma finalidade de poder. Nesse sentido, “Os discursos são elementos ou blocos táticos no campo das correlações de forças; podem existir discursos diferentes e mesmo contraditórios dentro de uma mesma estratégia; podem, ao contrário, circular sem mudar de forma entre estratégias opostas” (FOUCAULT, 2020, p. 111). A estratégia é a produção de sujeitos positivos, que os autores nomeiam cidadãos felizes. A produção desta subjetividade é de vital importância para manter a configuração social vigente. Porém, há sempre quem desafie o coro dos contentes. Resistências que surgem na constante agonística do embate de forças no qual emerge e opera taticamente esse discurso de felicidade a fim de fazer viver. E não apenas fazer viver, mas fazer viver “feliz”, para majorar a força de trabalho em prol do neoliberalismo. De tal maneira, “É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder” (FOUCAULT, 2020, p. 110).

No segundo capítulo, intitulado *Reavivar a chama do individualismo*, os autores discutem o discurso de felicidade e o neoliberalismo – que se destaca pela individualização de sujeitos que devem se tornar empresários de si, o que Foucault (2010) chama de *homo oeconomicus*. Isto é, o sujeito deve fazer de si seu capital e atuar sobre si para moldar sua subjetividade às demandas neoliberais. Nesta perspectiva, cada um é responsável por sua felicidade e quem não está feliz é porque não está se autorregulando para isso. Percebemos que, de modo similar ao que ocorre no discurso meritocrático, o discurso de felicidade desloca a responsabilidade de ser feliz para as pessoas e, enquanto isso, os aspectos coletivos e sociais são constantemente deixados de lado, como se não interferissem no processo. Sobre isso, os autores escrevem que:

A felicidade não dever ser vista como uma abstração inócua e bem-intencionada voltada para o bem-estar e a satisfação. Também não deve ser concebida como um conceito vazio e desprovido de vieses e pressupostos culturais, morais e antropológicos. Por que ela, e não qualquer outro valor — justiça, prudência, solidariedade, lealdade —, desempenha papel de tanto destaque nas sociedades capitalistas avançadas? [...] Uma das razões pelas quais ela se tornou tão proeminente nas sociedades neoliberais se deve à saturação de valores individualistas — com a definição do eu como valor supremo e a concepção de grupos e sociedades como uma massa de vontades estanques e autônomas. (CABANAS; ILLOUZ, 2022, p.83)

Outra questão levantada pelos autores é a autoridade e o poder de persuasão do discurso de felicidade. Eles argumentam que por sua aparente precisão, esse tipo de discurso, quando tornado científico, passa a oferecer “verdades inquestionáveis” por meio de uma objetividade simplista em detrimento do pensar crítico e coletivo e de questões de ordem estrutural. Além disso, eles afirmam que diferentes técnicas e propostas oferecidas pelo discurso de felicidade podem levar a uma compreensão limitada do social por representar o meramente individual. No decorrer da leitura, percebemos que ele produz subjetividades — que podem ser biopoliticamente governadas — em diferentes campos, como na educação e no trabalho, por exemplo. Esse discurso fixa um ideal de felicidade e cria o “jeito certo de ser feliz” que, não por acaso, interessa ao neoliberalismo.

No terceiro capítulo, intitulado *Positividade no trabalho*, os autores discutem os constructos psicológicos que são esperados no trabalho com características essenciais, classificando o trabalhador como bom, produtivo e, portanto, interessante para se contratar. Dentro desse discurso, eles apontam que há a criação (e a manutenção) de uma série de identidades marcadas por características como: autonomia, flexibilidade, adaptabilidade, resiliência, autocontrole, entre outras. Não por acaso, características do *homo oeconomicus* neoliberal (FOUCAULT, 2010). Entretanto, como os autores apontam, é importante ressaltar que esse discurso — difundido dentro de empresas, sobretudo grandes corporações — provoca uma série de inseguranças e instabilidades, que perpassa a dissolução da estabilidade e do contrato de trabalho por meio da ênfase na individualização. Ademais, eles ressaltam que apesar de o discurso de felicidade prometer uma “vida plena” dentro de corporações neoliberais, o que se vê são trabalhadores ideologicamente moldados — para se identificarem com os princípios, valores e metas dessas organizações. Portanto, argumentamos que, diferentemente do bem-estar prometido por esse discurso nas empresas, há estratégias para se criar um sujeito econômico, político, social e psicologicamente padrão que facilitará o governo biopolítico das condutas da população majorando suas forças no sentido econômico ao mesmo tempo em que minora suas forças no sentido político. Isto é, sujeitos “felizes” produzirão muito mais e resistirão muito menos. Sujeitos felizes serão dóceis e úteis (FOUCAULT, 2007).

No quarto capítulo, intitulado *Eus gratificados à venda nos mercados*, os autores discutem a aplicação do discurso de felicidade com histórias de “sucesso” aliadas a valores morais e éticos na busca de cidadãos “melhores”. De acordo com eles, a partir do discurso de felicidade, somos responsáveis por nos tornarmos cidadãos maus ou bons e o último está ligado à ideia de felicidade. Portanto, se somos “felizes”, somos bons; caso contrário, somos maus. Isso revela o pano de fundo moral dualista (bem-mal) sobre o qual esse discurso de felicidade repousa e que deve ser problematizado, pois as noções de bem e mal não são verdades inquestionáveis, mas constructos culturais historicamente datados (NIETZSCHE, 2017) que têm uso estratégico na configuração biopolítica.

Concordamos com os autores que uma enorme fábrica de “eus felizes” são as redes sociais — em que o parecer feliz é uma constante obrigação e qualquer tipo de sentimento contrário é silenciado, estigmatizado e até ridicularizado. Eles ainda afirmam que os jovens são as principais vítimas dessa fábrica, que demanda adequação social e “perfeição” — em que padrões de beleza, de felicidade, de normalidade, de relacionamentos, de saúde e de sucesso são protagonistas —, desencadeando perigosas frustrações que os fazem sentirem-se doentes, anormais e disfuncionais, pois nunca se atingirão tais padrões em todas as suas esferas. Aqui, ressaltamos que reside a sutileza da estratégia — esse padrão de felicidade, apesar de inalcançável, serve para manter todos em movimento, perseguindo-o, e assim as forças são canalizadas em prol dos interesses neoliberais. Essa busca incessante por positividade, visando ao aumento da eficiência, produz o cansaço do corpo, como bem argumentado por Han (2017).

No quinto e último capítulo, intitulado *Ser feliz é o novo normal*, os autores discutem a normalização do estar feliz em quaisquer circunstâncias. Eles argumentam que o discurso de felicidade faz parte de um empreendimento individualista, objetivo e promete estar disponível para qualquer pessoa. Nessa lógica, percebemos que sujeitos que buscam a felicidade conseguem facilmente alcançá-la e são considerados normais, pois se tornam produtivos, resilientes, saudáveis, com relações sociais sólidas e, dessa forma, colaboram para o bom andamento de toda uma sociedade. Destacamos que o inverso também acontece, pessoas que não se sentem felizes (pelo menos não o tempo todo) ou não conseguem acessar o “florescimento” oferecido pelo discurso de felicidade, são consideradas pessoas anormais e, pelo fato de a felicidade se tratar de uma questão de escolha, elas são responsabilizadas, julgadas e condenadas, pois resistem e não facilitam o bem estar dela e de todos.

Compreendemos, assim, que a obra resenhada aborda a emergência de um discurso que fixa verdades sobre o que é ser feliz na atualidade. Tal discurso, atrelado aos interesses do neoliberalismo, foi estrategicamente revestido de ciência fazendo emergir a chamada psicologia positiva, que movimenta milhões e atua na fabricação de subjetividades felizes. Partilhamos os mesmos argumentos dos autores que o discurso de felicidade transfere a responsabilidade de ser feliz para as pessoas, desconsiderando deliberadamente a situação de vulnerabilidade social em que muitas vivem e que, por vezes, é a base de sua infelicidade.

Além disso, ao longo do livro, percebemos toda uma negligência do discurso de felicidade com particularidades que envolvem questões psicossociais profundas e perpassam a vulnerabilidade da existência humana. Alinhada à ideologia das sociedades capitalistas avançadas, concordamos com os autores que o discurso de felicidade visa manter velhas relações de poder e estruturas sociais desiguais. Trata-se de uma obra indispensável, que recomendamos, pois discute a instauração e a manutenção de uma ordem

de discurso – em que “verdades” são estabelecidas e passam a produzir efeitos de poder sobre os corpos governados. Contudo, “onde há poder, há resistências” (FOUCAULT, 2020, p. 104) que não cessam de introduzir linhas de fuga. Vozes dissonantes que constantemente emergem, juntam-se à polifonia discursiva e desafinam do coro dos contentes. A obra resenhada é um belo exemplo disso. Um exemplo da polivalência do discurso que marca uma resistência. Neste caso, os autores usam o discurso de felicidade, produzido pela psicologia positiva, contra ele mesmo. Invertem a estratégia, tal como assinala Foucault (2020), para sinalizar seus nefastos efeitos de poder.

REFERÊNCIAS

CAPONI, S. Corpo, população e moralidade na história da medicina. *Esboços: Histórias em Contextos Globais*, v. 9, n. 9, p. 69-86, 2001.

CAPONI, S. Viver e deixar morrer: Biopolítica, risco e gestão das desigualdades Live and Let Die Biopolitics, risk management and inequalities. *Revista Redbioética/Unesco*, p. 27, 2014.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhe. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FOUCAULT, M. *O nascimento da biopolítica*. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2010.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Albuquerque. 10. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HAN, B.-C. *Sociedade do cansaço*. Trad. Enio Paulo Giachini. 2. ed. ampliada. Petrópolis: Vozes, 2017.

NIETZSCHE, F. W. *Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro*. Trad. Antonio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2017.



Recebida em 04/06/2022. Aceito em 11/07/2022.